

A RECEPÇÃO DOS CLÁSSICOS NO MOVIMENTO PARANISTA: *Bento Cego, o Homero paranaense.*

BARBARA FONSECA

Graduanda em História (UFPR)

Bolsista de iniciação científica do CNPq

barbarafonseca@ufpr.br

Orientadora: Profa. Dra. Renata Garraffoni (UFPR)

RESUMO

No presente artigo analisamos a recepção dos clássicos no Movimento Paranista a partir da personagem Bento Cego, também chamado de Homero Paranaense. Para tanto, tendo a revista *Ilustração Paranaense*, o livro "Bento Cego", escrito em 1902 por Nestor de Castro e os manuscritos de João Turin como fontes, conhecemos a história de Bento Cego e as suas comparações com a personagem grega, visto que ambos seriam cegos, vates, saíam nas ruas a declamar, mas com a diferença que em vez de lira, o paranaense tocava viola. Assim, entendemos que tanto Bento Cego quanto Homero seriam figuras importantes para os paranistas, e a comparação entre ambos ocorre de acordo com a necessidade do Movimento Paranista em legitimar a identidade que estava sendo construída no momento, visto que o Paraná havia se tornado província a pouco menos de 50 anos. Os clássicos eram, então, considerados um importante modelo ocidental a ser seguido ou como afirmou João Turin, os gregos antigos eram os possuidores das mais belas artes e filosofias do mundo.

PALAVRAS CHAVE

Homero; Bento Cego; Homero Paranaense; Revista Ilustração Paranaense; Movimento Paranista.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss classical reception in Curitiba taking into account Bento Cego, an important figure for the Paranista group and also known as Homero Paranaense. Therefore, having as evidence the *Ilustração Paranaense* magazine, the book "Bento Cego" written in 1902 by Nestor Castro and João Turin's manuscripts, one can approach to Bento Cego's stories and his comparisons with a Greek character, since both were blind. vates and used the streets to claim their verses, but inste-

ad of lira, Bento used to play viola. Thus, Bento Cego and Homer as important figures for the Paranista group as they intended to legitimize local identity as Paraná became a province only 50 years before. The classics were considered a Western model to be followed or, as stressed by João Turin, the ancient Greeks owed the finest arts and philosophies in the world.

KEYWORDS

Homer; Bento Cego; Homero Paranaense; Ilustração Paranaense; Paranista Movement.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da iniciação científica realizada com bolsa do CNPq no edital 2017/2018. Intitulada de “A criação da identidade paranaense: a presença dos clássicos na arte de João Turin” tivemos como objeto três obras criadas por Turin presentes na revista *Ilustração Paranaense*, uma de nossas fontes. Duas das obras analisadas na iniciação científica são a *Columna Paranaense* e a *Ânfora Paranaense*, nas quais o escultor combinava-as, respectivamente, com pinhões e folhas de erva-mate - símbolos do Paraná no período de criação das obras, o início do século XX. A terceira obra analisada foi o baixo-relevo criado por João Turin da personagem paranaense chamada de Bento Cego ou Homero Paranaense. E é sobre o Homero Paranaense que iremos nos dedicar nas páginas a seguir.

O Movimento Paranista, também chamado de Paranismo, foi um movimento regionalista do início do século XX; era formado pela elite e por artistas paranaenses, os quais buscavam criar um sentimento de pertencimento a província. Neste esforço, há criação de símbolos, comemorações, pinturas e periódicos no Paraná com o intuito de forjar e formar a noção de “Ser Paranista”. É importante mencionar que até mesmo a ideia de “paranista” é uma construção do movimento¹, visto que o gentílico da região seria “paranaense”. O paranista seria aquele que morava no Paraná e trabalhava para que ele crescesse. Era aquele que amava esta terra, independente se tinha nascido nela ou se era imigrante. As qualidades do paranista seriam, então, as mesmas de seu principal símbolo Pinheiro do Paraná: forte e altivo.

Dessa maneira, nossos objetivos para o presente trabalho são conhecer a presença da cultura clássica no Movimento Paranista a partir do Homero Paranaense e analisar de que maneira a recepção dos clássicos contribui para a construção da identidade paranista. Assim, em um primeiro momento discutiremos acerca do Paranismo, em seguida apresentaremos a personagem Bento Cego e, por fim, pensaremos a relação criada pelos paranistas entre a cultura grega e os símbolos regionais.

¹ A nomeação do Movimento Paranista é creditada à Romário Martins, historiador e político paranaense, escritor do “Programa Geral do Centro Paranista” e da “Oração Paranista”.

■ O PARANISMO E A REVISTA *ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE*

Como enunciado anteriormente, o Paranismo foi um movimento da burguesia paranaense que ascendeu em meados do século XIX com o aumento da venda da erva-mate. Assim, com o início da urbanização na província, que se tornou independente de São Paulo apenas em 1853, essa nova elite passou a buscar uma identidade para um local que anteriormente era considerado de passagem de tropeiros entre Rio Grande do Sul e São Paulo. Além disso, conforme afirma Geraldo Camargo, com a criação do “ser paranista”, a elite curitibana, majoritariamente luso-brasileira, buscou também homogeneizar as etnias presentes na região, uma vez que com a política de embranquecimento o Paraná contava com uma expressiva população de imigrantes que não deixaram de lado seus costumes europeus ao chegar no Brasil (CAMARGO, 2007, p.14). Com efeito, a própria erva-mate tornou-se um dos principais símbolos da região, como também outros aspectos de sua flora: o Pinheiro do Paraná e o pinhão.

Para forjar essa nova identidade paranaense, segundo Luis Fernando Lopes Pereira, “na retraída Curitiba, o importante era não retratar a realidade, mas construir uma imagem do real que, por sua força simbólica, se tornaria mais forte que o próprio real.” (PEREIRA, 1998, p.62). Assim, conforme dito, criaram-se símbolos, obras de arte, comemorações, estátuas, e periódicos para veicular e confirmar essas novas ideias entre a elite, e um dos que mais circulavam era a revista *Ilustração Paranaense*, encontrada nos dias atuais na Biblioteca Pública do Paraná e na Casa da Memória de Curitiba.

A *Ilustração Paranaense* foi publicada de novembro de 1927 a novembro de 1930 contando com mais uma edição ainda em 1933, totalizando 31 volumes. Conforme conhecemos a partir do trabalho de Luis Afonso Salturi, um dos estudiosos da *Ilustração Paranaense*, seu criador foi João Baptista Groff, pintor, fotógrafo e cineasta paranaense e entre seus autores estão os principais artistas paranaenses do período, como Lange de Morretes e João Turin, maior ilustrador da revista (SALTURI, 2014). Em suas páginas encontramos matérias sobre a urbanização de Curitiba, o lazer e a cultura dessa sociedade, bem como imagens da prática de esportes e comemorações, não só de datas importantes regional e nacionalmente, mas também de casamentos da elite. Além disso, observamos diversas obras de arte com temáticas vinculadas a flora da região e ainda frequentemente lemos contos acerca do passado indígena, do folclore paranaense e da natureza paranaense.

■ BENTO CEGO, O HOMERO PARANAENSE.

A primeira vez que encontramos Bento Cego na revista é justamente em uma página intitulada de “Folk-lore Paranaense”, na edição nº3 de 1929. Nessa matéria há uma imagem centralizada da escultura do rosto que seria de Bento Cego com a legenda abaixo: “BENTO CEGO – Baixo relevo de Turin, adquirido pelo Dr. Affonso de

Camargo para o Palacio do Governo". E, em volta dessa (imagem 1), lemos um texto de Nestor de Castro contando um pouco da história de Bento Cego, que seria "o grande vate sertanejo do Paraná, nascido em Antonina em 1821, viveu dez anos no morro do Castrelhano na ex-fronteira Paraná - Rio Grande." E que "O grande vate paranaense ficou logo conhecido em todo o interior daquelle Estado, chegando a sua fama de optimo repentista até a fronteira oriental. Foi sempre vencedor em todas as porfias em que tomou parte." (CASTRO 2, 1929).

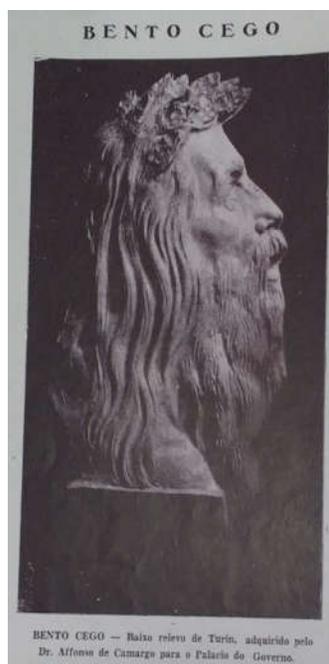


Imagem 1: Baixo relevo de Bento Cego feito por João Turin (Revista Ilustração Paranaense, edição nº3, 1929).

Logo após essa descrição, Nestor de Castro narra uma história acerca da vida de Bento Cego no Rio Grande do Sul; conta que o Cego amava Catharina, "filha litigima de camponeses rio-grandenses" e que os dois passaram cinco anos se amando, até que Catharina morreu e Bento passou a "monodiar" os versos de sua tristeza até decidir se retirar do Rio Grande do Sul e retornar para sua terra natal. Contudo, segundo Nestor de Castro, "a noticia da retirada do Cego causou geral consternação, pois elle era muito estimado e respeitado aqui, onde nada lhe faltava." (CASTRO 2, 1929). Assim, os principais versos do Cego foram guardados para que essa população lembrasse do grande trovador.

Nessa matéria, Nestor de Castro expõe a importância da personagem para a sociedade paranaense, visto que o baixo-relevo produzido por João Turin foi encomendado pelo então presidente da província, Afonso Camargo, para ficar no palácio do Governo. Como também para a gaúcha que sentiria falta dos versos do Cego. Nesse primeiro momento conhecemos parte do folclore paranaense, que se constituiria também em outros estados do país, revelando a importância da identidade

paranaense e de suas tradições em outras regiões do Brasil. Com esses relatos, o Paraná que era considerado apenas um local de passagem de tropeiros entre Rio Grande do Sul e São Paulo, ganha relevância no sul do Brasil.

Na edição nº5 – 6 de 1929 nos deparamos com uma segunda matéria sobre Bento Cego, mas agora esse passa a ser intitulado de “O Homero Paranaense”. Nessa história escrita por Ermelino Leão, o irmão de Bento, que era um dos maiores trovadores do Paraná falece e, então, o Homero paranaense assume a "porvia" quando invocaram o nome de seu irmão contra o trovador "Fisqueira". Os primeiros versos dele são:

Rouxinol da Fisqueira
Que nos vem amedrontar.
O Cego também é gente
Para contigo cantar. (LEÃO, 1929).

Conforme afirma Ermelino de Leão, é nesse momento que "encerrara-se o ciclo obscuro da sua humilde existencia e se lhes abriam as portas de um destino, nem sempre benigno, mas sempre victorioso.". Bento Cego decide abandonar o bairro de Registo em Antonina e percorrer a "terra de Christo" "com o seo bordão e a inseparável viola". (LEÃO, 1929). Na história lemos que nas andanças que Bento vem a realizar, o Homero Paranaense encontra Antonio, famoso trovador de Santa Catarina, que também era cego, mas não de nascença, assim não teria sofrido tanto quanto Bento Cego. Como falam os versos (ILLUSTRAÇÃO PARANSAENSE, 1929):

Ahi ves meo soffrimento,
Que é mais duro que o teo
Eu ignoro as proprias formas,
As feições do corpo meo

Não pude nunca dizer
Tal coisa é feita ou bonita
Porque me vejo no abysmo
Da escuridão infinita

Quem teve vista e perdeo
Com razão soffre, não nego
Mas não pode soffrer tanto
como eu, que nasci cego

Não conheço Pae, nem mãe,
Só os vejo em pensamentos
Esses que comigo choram
Minha desgraça e tormentos.

Pesquisamos a verossimilhança da autoria desses versos, bem como se a própria personagem existiu de fato, mas não encontramos nenhum documento de registro de Bento Cego no Arquivo Municipal de Antonina. De todo modo, para além da confirmação se esse encontro com o catarinense realmente ocorreu, a partir dele podemos entender a afirmação do Paraná sobre Santa Catarina. O pano de fundo ultrapassa a simples história de trovadores para as tensões referentes a Guerra do Contestado, ocorrida no início do século XX, com a perda de territórios paranaenses para o estado vizinho. Conforme apontamos no início do artigo, o importante no Movimento Paranista é construir a partir de símbolos a grandeza dessa nova província.

Ainda na mesma reportagem, além de duelar com Antonio, é contado que Bento Cego duela com Miguel de Arriola e vence o trovador, conseguindo, assim, relevância em outras regiões do Brasil: "[Arriola] que se deo por vencido e então a fama do Cego, ganhando novos foros transpôs as lindes da Província e nas visinhas circumscrições políticas - S. Catharina, Rio Grande, S. Paulo e Minas a sua pessoa foi aclamada e requestada com carinho." (LEÃO, 1929).

Até o momento conhecemos a importância de Cego para o paranismo e a consolidação de tradições, mas não encontramos explicações de sua comparação com Homero. Levantamos, então, hipóteses de que o Homero Paranaense era assim chamado, pois conforme o grego, ambos eram cegos e saíam pelas ruas proclamando histórias. Além disso, de acordo com os resultados obtidos ao analisar a participação da Columna e da Ânfora Paranaense na revista, constatamos que a combinação de símbolos antigos com os paranistas apareciam principalmente em páginas da revista em que se explorava a vida da elite curitibana. Valorizando, assim, essas obras, visto que estariam ao lado da camada dirigente da sociedade; ao mesmo tempo em que essas mesmas obras legitimam esse estrato social por apresentarem os elementos clássicos. Um exemplo é a matéria da "Senhorita Curityba", que visita o ateliê de João Turin e posa para foto junto do autor e da escultura da Columna Paranaense. (imagem 2)



Imagem 2: João Turin em seu ateliê com a Senhorita Curityba observando a escultura de Columna paranaense (Revista Ilustração Paranaense, edição nº 9, 1928).

Conforme afirma João Turin em um de seus manuscritos, os gregos antigos foram os criadores das mais belas artes e filosofias, logo, comparar-se com os clássicos na sociedade paranaense do início do século XX era amparar-se em um dos maiores modelos de sociedade ocidental que já existira.

A terceira revista em que notamos a presença do Homero Paranaense é a nº 6 de 1930. Nessa, Bento Cego ganha o título de “O maior bardo sertanejo do Paraná” e mais uma vez no início do texto há suas informações de nascimento e em sequência a história de seu sofrimento por ter nascido cego, mas, ao mesmo tempo, apresenta a sua genialidade ao ser um grandioso trovador mesmo sem nunca ter enxergado as belezas do mundo.

Na mesma página há um desenho de Bento Cego feito por João Turin (imagem 3) em que observamos a sua semelhança com a descrição do grego Homero escrita por Nestor de Castro no Livro “Bento Cego” encontrado no Arquivo Municipal da cidade e Antonina:

A compostura varonil do vate: longos cabelos pretos caindo à moda nazarena em toda a extensão nutrida das clavículas; fronte inteiramente esbatida por vivos fluxos de inspiração ardente; nariz adunco como o de uma perfeita estátua grega, esculpada pelo camartelo de phifias-esta compostura, repetimos realçava em meio dos tufos de verdura lembrando Homero quando evocava o pantheísmo das selvas nas lindas praias de Jonia (CASTRO 1, 1902).



Imagem 3: Ilustração de Bento Cego por João Turin (Revista Ilustração Paranaense, edição nº 6, 1929).

Na página seguinte há ainda outra ilustração de Bento sucumbindo entre seus pares, com a viola na mão. Essa seria a morte do Cego, que até mesmo nesse momento carregava seu símbolo de trovador. Conforme afirma Elizabete Turin, o paranaense seria igual ao Homero, mas em vez de lira, tocava viola. (TURIN, 1998, p.68).

A RECEPÇÃO DOS CLÁSSICOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PARANISTA

Ao tentar construir sua identidade, o Movimento Paranista buscou maneiras de se legitimar, e assim percebemos a presença dos clássicos para nivelar os símbolos da região conforme um dos principais modelos de sociedade ocidental. O livro de Nestor de Castro é de 1902, cerca de 25 anos antes da primeira publicação da *Ilustração Paranaense*, e nele, como já visto, encontram-se as comparações entre os Homeros. Assim como vemos no livro, Bento Cego foi um importante ícone paranaense para o período em questão, pois expressaria exatamente o que os paranistas procuravam: as origens paranaenses, sustentando a tradição do novo estado emancipado; e a possibilidade de exaltação devido a sua criatividade, talento e superação expressa em seus versos. O comparar com Homero é uma das principais formas de legitimar as tradições dessa sociedade em construção.

Com efeito, para compreender a presença da cultura clássica na região, apoiamo-nos no livro "Reception Studies" de Lorna Hardwick, em que a autora desenvolve conceitos de análise de diferentes formas possíveis de recepção dos clássicos. Dessa maneira, entendemos a configuração do Homero Paranaense como uma analogia², visto que essa personagem possui um aspecto comparável de fonte e recepção (HARDWICK, 2003, p.9). Ou seja, ambas as personagens seriam semelhantes fisicamente, com os cabelos pretos, a postura varonil; eram cegos e também vates segundo os paranistas. E também podemos pensar essa comparação como um diálogo³, pois ambos os símbolos eram considerados relevantes socialmente. (HARDWICK, 2003, p.9). Ou seja, Homero era uma personagem importante na Grécia Antiga e também no contexto paranaense, bem como o Bento Cego era essencial para essa nova sociedade paranaense, ganhando o epíteto de Homero justamente para evidenciar sua grandiosidade.

Portanto, com a presente pesquisa, ao conhecermos Bento Cego e a sua relevância para as tradições paranaenses como apresenta a revista *Ilustração Paranaense*, identificamos também a presença dos povos antigos na construção dessa identidade paranista que estava sendo forjada. Com efeito, compreendemos que os paranistas não buscavam uma origem comum nos clássicos, mas sim em seu próprio folclore, que nesse caso passa a ser comparado com os gregos para de se igualar ao nível de uma das personagens antigas mais conhecidas do mundo ocidental. O epíteto "Homero Paranaense" revela então a exaltação de Bento Cego e, consequente-

2 No inglês "Analogue".

3 No inglês "Dialogue".

mente, de toda a sociedade paranista que com esse exemplo justifica a importância de sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a construção do Movimento Paranista a partir dos clássicos abre espaço para novos estudos e entendimentos acerca dessa identidade que foi forjada no início do século XX. No caso, conhecemos alguns dos artifícios usados pela *Ilustração Paranaense* para exaltar as tradições e símbolos do Paraná, e assim entendemos que a “relevância” da cultura paranista também se fez de acordo com a comparação com os gregos antigos. Observamos que não só a modernização ocorrida na Europa naquele período era um modelo a ser seguido pelos paranistas, mas também os antigos foram essenciais para fortalecer essa identidade, que acaba por se fazer presente no imaginário paranaense até os dias de hoje.

Bento Cego é nome de rua, tanto na capital paranaense, quanto em Antonina. E ao pesquisarmos no Arquivo Municipal de Antonina, sua cidade natal, juntamente ao livro de Nestor de Castro, nos deparamos com matérias do “*Jornal Antoninense*” da década de 1970 sobre a personalidade e ainda um cartaz promocional do “1º concurso Bento Cego de Histórias regionais” promovidos pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Antonina em 1993. Os símbolos criados no início do século XX permanecem vivos na sociedade paranaense mesmo depois do fim do Movimento Paranista. E alguns, como gostariam os paranistas, acabaram por ser incorporados pelas tradições paranaenses como se sempre estivessem presentes na cultura da região.

FONTES

CASTRO, Nestor. *Bento Cego*. Arquivo Municipal de Antonina. 1902.

CASTRO, Nestor. Folk-Lore Paranaense. *Revista Ilustração Paranaense*, edição nº 1 – 2, 1929.

LEÃO, Ermelino. O Homero Paranaense. *Revista Ilustração Paranaense*, edição nº 3, 1929.

TURIN, João. *Manuscrito*. Curitiba. s/d. Arquivo João Turin: Museu Oscar Niemeyer. Doc. nº1994/710. Imagem nº743.

TURIN, João. *Manuscrito*. Curitiba. s/d. Arquivo João Turin: Museu Oscar Niemeyer. Doc. nº1994/376. Imagem nº711.

Revista Ilustração Paranaense, edição nº 9, 1928.

Revista Ilustração Paranaense, edição nº 1 – 2, 1929.

Revista *Ilustração Paranaense*, edição nº 3, 1929.

Revista *Ilustração Paranaense*, edição nº 5- 6, 1929.

Revista *Ilustração Paranaense*, edição nº6, 1930.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná: 1853 - 1953*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies. Greece & Rome, New Surveys in the Classics*. nº. 33. Oxford University Press, 2003.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado: Cultura e imaginário no Paraná da I República*. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

SALTURI, Luís Afonso. Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX. *Perifèria*, Barcelona, n.11, dez. 2009.

SALTURI, Luís Afonso. O movimento paranista e a revista *Ilustração Paranaense*. *Temáticas*, Campinas, n.43, pp. 127-158, fev./jun. 2014.

TURIN, Elisabete. *A arte de João Turin*. Campo Largo: INGRA, 1998.